

Todos os direitos reservados

Revisão: os autores

Capa:

Óleo sobre tela de Eugène Delacroix: Hamlet e Horácio com os dois riscosos

Aquino, Thiago Antonio Avellar (org.)

Logotopia: investigações teóricas e empíricas. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011.

220 p.

ISBN: 976-85-7745-342-9

UFPB/BC

CDU: 240

Só a consciência do objetivo, o sentimento de se ter uma tarefa a cumprir, podem equipar o homem para a conservação de sua verticalidade interna, nas condições mais adversas e nas situações externas mais duras e desafiantes

Viktor E. Frankl

Capítulo 2

Análise existencial do Pequeno Príncipe

Gylmara de Araújo Pereira

Thiago Antonio Avellar de Aquino

O presente ensaio teve como objetivo fazer uma análise existencial do livro “O Pequeno Príncipe”, do autor Antoine de Saint-Exupéry, escritor e ilustrador francês, através da teoria da Logoterapia Analista Existencial Vienense. O tema coincidiu com nosso interesse sobre a temática dos valores, tão bem elucidada por esse clássico da literatura infanto-juvenil e que se tornou mundialmente conhecido e apreciado, talvez por tocar de maneira tão simples, sábia eterna na dimensão especificamente humana.

Os valores suscitados na obra *O Pequeno Príncipe* nos levou a analisar o significado da vida, do amor, da amizade, da responsabilidade e da missão única de cada homem, ou seja, aspectos propriamente humanos e que são objetos de estudo na teoria de Viktor Frankl.

Atualmente a sociedade ocidental parece ter se tornado indiferente aos valores humanos na busca incessante pela “estabilidade” e felicidade a qualquer custo. As pessoas se perguntam: qual o sentido da vida em meio a esse caos? O ser humano parece estar vivendo por viver, não sabe para quê, para quem ou porque está vivendo. Frankl definiu este fenômeno de neurose coletiva. É um vácuo existencial ou sentimento de perda de sentido.

Ressaltamos que a obra retrata muito bem essa temática, por isso o foco de nossa pesquisa é a análise existencial da vida do personagem principal, onde pretendemos através da Logoterapia compreender o sentido da vida e dos valores, através desta estória aparentemente simples, mas muito profunda, pois traz todo o pensamento filosófico do autor.

Os valores têm uma amplitude de aplicações e definições em diversas áreas do saber, porém, evidenciamos neste trabalho,

os valores, nos termos elucidados na Logoterapia. Este estudo não teve o interesse de atingir toda a extensão que a temática em questão requer, mas fazer apenas uma leitura à luz da análise existencial de Viktor Frankl.

Esse autor acredita que o homem encontra o sentido da vida no mundo e não dentro de si ou de sua psique, ou seja, através de um trabalho a ser realizado; ao encontrar alguém a quem amar e para quem viver ou até mesmo no sofrimento inevitável. Portanto, o ser humano “é capaz de viver e até morrer por seus ideais e valores” (FRANKL, 2005, p.125).

Pretendeu-se entender como os valores aprendidos pelo pequeno príncipe influenciaram a busca pelo sentido da vida e como o esvaziamento dessa busca explicou o vazio existencial. Para isso, fez-se necessário o levantamento de todas essas questões, quando ousamos entender este fenômeno de forma mais sistêmica e objetiva. Este estudo é importante, também, porque trata da realização de um anseio pessoal de estudar sobre o tema dos valores.

No campo social pretendemos compreender a temática no sentido de propiciar a discussão dos valores propriamente humanos para a sociedade hodierna, tão condicionada aos padrões sociais, culturais e psicológicos já estabelecidos e que pretendem determinar o homem. Em nível acadêmico e científico almejamos que seja um desentrelar de novos debates sobre o homem, os valores e a busca de sentido através da Logoterapia, de modo a favorecer a continuidade dessa discussão.

Para encontrar o marco teórico adotado nesta investigação, recorremos à teoria de Viktor Emil Frankl, fundador da Logoterapia, através de sua primeira obra, *Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise existencial*; o livro *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*; Um sentido para a vida. A metodologia aplicada segundo os objetivos tratou-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva e analítica.

O objetivo específico desse estudo foi realizado uma análise dos valores, atitudes e postura dos personagens dessa fábula, que ao longo da história se encontram e convivem com o pequeno príncipe e depois relacioná-los com os principais conceitos da Logoterapia.

Logoterapia e Análise existencial

A Logoterapia é conhecida como a psicoterapia do sentido da vida, posterior à Psicanálise de Freud e a Psicologia Individual de Adler. Ficou conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, de cujo fenomenológico e existencial (PEREIRA, 2008). A palavra *Logoterapia* vem do grego, *logos* que significa sentido, enquanto *terapia*, quer dizer, cuidado, tratamento. Frankl gostava de chamá-la Logoterapia Analítica Existencial. É chamada também de psicologia das alturas e é uma proposta de complementação à psicologia das profundezas, iniciada por Freud (FRANKL, 2005).

Desde os treze anos, Frankl já tinha interesse sobre as questões do sentido da vida. Na idade adulta foi responsável por pacientes suicidas num hospital especialista em neurologia, em Viena. Sua função era determinar se o paciente tinha condições ou não de receber alta. Como extímio entrevistador, fazia perguntas com o objetivo de perceber quais os pacientes demonstravam querer sair do hospital e dar um significado à vida. Os que não respondiam nesse sentido, não eram autorizados a deixar o hospital (TRUGILHO; PINEL, 2009).

Como prisioneiro, ao chegar ao primeiro campo de concentração o despojaram de tudo, inclusive de seu manuscrito científico ou “filho espiritual”, como ele mesmo o chamava, onde havia iniciado sua futura obra. No holocausto viveu sua teoria através do sofrimento inevitável, terminando por validá-la com a própria vida, recuperando seus escritos iniciais, através de rabinos taquigráficos (FRANKL, 2008). Após sua libertação

voltou a reescrever a obra "Psicoterapia e sentido da vida", livro este em que Frankl sintetizou sua teoria.

Em 2002 foi publicada uma entrevista em que Viktor Frankl definiu a Logoterapia como "um método de tratamento psicoterapêutico ao passo que a análise existencial representa uma linha antropológica de pesquisa". Ao longo da entrevista perguntaram a Frankl a diferença entre Logoterapia e Psicanálise. Ele respondeu que, se comparada à Psicanálise, a Logoterapia é menos retrospectiva e menos introspectiva, ela se concentra mais no futuro, ou seja, nos sentidos a serem realizados pelo paciente, e que, a função da Logoterapia é ajudar o paciente a encontrar sentido em sua vida.

E ele continuou:

A logoterapia diverge da psicanálise na medida em que considera o ser humano um ente cuja preocupação principal consiste em realizar um sentido, e não na mera gratificação e satisfação de impulso e instintos, ou na mera reconciliação das exigências conflitantes de id, ego e superego [...] (FRANKL, 2008, p.128).

A teoria frankliana é mais uma tentativa de humanização das psicoterapias existentes, já que em sua maioria acreditam que o ser humano é determinado, condicionado pelo meio ou impulsionado e até movido pela vontade de poder, desconsiderando que o homem é consciente e livre para assumir a vida com responsabilidade (GOMES, 1987).

A Logoterapia não é determinista, porque acredita que o homem é livre para fazer suas escolhas, apesar de não estar livre dos condicionamentos. Acredita que o ser humano tem o potencial e a capacidade de encontrar o significado da sua vida.

A função do logoterapeuta não é dizer qual o significado da vida de uma pessoa, mas ajudá-la a encontrá-lo, ampliando sua

visão de mundo. Portanto, esse método tem por finalidade ajudar os indivíduos que sofrem ou não de um vazio existencial a redescobrirem os propósitos nas suas vidas.

Quando o desejo de sentido é frustrado, as consequências podem ser diversas, tais como neuroses, depressão e suicídio. Assim, Frankl afirma na sua teoria que não é a satisfação dos desejos e a obtenção de poder que faz o homem feliz, como nos fazia crer Freud e Adler, mas encontrar um objetivo e sentido na vida (FRANKL, 1989).

Não se pode confundir a meta final, que são os valores, com os meios para atingi-los. O meio não é o fim em si mesmo, mas o trampolim, o apoio para se chegar ao significado da existência. Quando se busca a felicidade e o prazer como o fim em si mesmo o homem se esvazia. Agora, quando buscamos os valores e o sentido como o fim último, aí encontramos como consequência a felicidade e o prazer (FRANKL, 1989).

O desejo de sentido, já diz a psicologia moderna, não é uma questão de buscar o sucesso ou a felicidade, é uma questão de sobrevivência. Segundo Frankl (2005), isso foi comprovado por vários autores que pesquisaram sobre pessoas que viveram em campos de concentração e, acima de tudo, por sua própria experiência. Só conseguiram sobreviver os que orientavam a vida na direção de um "alguém" ou "de algo" fora daqueles muros.

A sobrevivência humana se estabelece quando direcionamos a vida para fora de nós mesmos. Somente nessa perspectiva o homem realiza a vontade de sentido inerente a sua natureza. É a autotranscendência, é o esquecer-se de si e olhar para algo ou alguém a quem se dedicar (FRANKL, 2005).

O desejo de sentido é uma questão de sobrevivência, mas também foi provado por Theodor A. Korchen que é uma questão de saúde mental. Essa hipótese foi corroborada por James C. Cunnhaugh, Imã Mary Raphael e Raymond R. Shrader os quais mediram o desejo de vontade e perceberam que os índices

mais elevados estavam entre os grupos sociais bem motivados e bem sucedidos na vida profissional (FRANKL, 2005).

Em seus estudos, Frankl nomeou de triade da neurose de massa o conjunto dos sintomas do vazio existencial como, depressão, agressão e toxicod dependência. Diferente de Freud, que entendia a busca pela compreensão do sentido da vida como uma doença, Frankl (2005) a entende como uma característica própria do ser humano que quer encontrar sua humanidade.

O questionamento sobre o sentido da vida é eminentemente uma questão filosófica da espécie humana, pois além da vontade de sentido, precisamos entender que existe um sentido a ser encontrado na vida. O sentido está centrado na dimensão noética ou espiritual do ser humano (FRANKL, 2005). É bom salientar que essa dimensão espiritual não se trata de uma espiritualidade-mística ou uma religiosidade no sentido sobrenatural, mas da dimensão natural do homem mais elevada em valores.

Nenhum outro ser ou animal indaga sobre sua existência, apenas o homem. Não podemos considerar a busca por sentido como uma patologia do homem, como dizia Freud, mas antes, uma expressão autêntica de humanidade. Somente o homem é interrogado pela vida a dar uma resposta às inúmeras possibilidades que se lhe apresentam, bem como questionar a vida em qualquer fase (FRANKL, 1989).

O sentido da existência humana só se perfaz na história concreta de cada um. O homem está inserido nos limites do tempo e do seu psicofísico. Contudo, o sentido é encontrado também dentro das limitações e vínculos próprios do ser humano, que podem determiná-lo ou não, vai depender da atitude tomada livremente em cada situação. O homem consegue viver apesar da falta de condições financeiras, condições físicas ou qualquer outro tipo de sofrimento, mas, o que ele não consegue, sem que isso lhe cause grande sofrimento ou mesmo um vazio existencial - que é a dificuldade interna do homem de perceber o sentido,

uma vez que o sentido na vida é incondicional - é a sensação de falta de sentido ou inutilidade (FRANKL, 1989).

A vida tem um sentido incondicional, por isso, muitas vezes foge a nossa compreensão, como no caso de situações trágicas, em que não se sabe o porquê daquele sofrimento (LUKAS, 1989). Na verdade, a pergunta que precisamos fazer é: para que sofremos e não o porquê (FRANKL, 1989). Nesses casos só nos resta a autotranscendência que faz parte da essência da existência humana. Apesar de muitos acharem que o sentido é algo subjetivo, não o é, mas é objetivo, pois não é resultado apenas da minha visão de mundo, mas é comprovado e vivenciado quando nos voltamos para algo ou alguém que não seja nós mesmos.

Ao se perguntar sobre sua existência o homem sofre uma dose de tensão necessária ao seu crescimento e amadurecimento até que encontre o propósito da sua vida. A tensão tira o homem da apatia e mostra a necessidade de dar uma resposta ao mundo e se tornar aquilo para o qual foi criado. A análise existencial ou a Logoterapia poderá ajudá-lo no reconhecimento de seu caráter único e irrepetível, e, por conseguinte, da sua "missão" (FRANKL, 1989).

Os sentidos são únicos, mas também podem mudar de pessoa para pessoa. Para uma mesma pessoa, o que antes parecia fazer sentido hoje poderá não fazê-lo. O importante é que nunca faltem. O sentido só deixa de existir com a morte. Até o momento em que a pessoa está se ultimando ela pode conceber o sentido da sua existência (FRANKL, 2005).

O sentido existe não só quando criamos algo, fazemos um trabalho para alguém ou quando vivenciamos algo, pois aí é fácil encontrá-lo, mas também diante de uma situação sem esperança de vida, em que o destino não pode ser mudado. Ainda assim, a vida esconde um significado. Cabe ao homem encontrá-lo. "Quando não temos mais condição de mudar uma situação [...]"

então somos estimulados a mudar a nós mesmos” (FRANKL, 2005, p. 33).

O homem comprometido com sua história, com seus deveres, enfim, com sua existência e o dever-ser, concretiza o sentido no desenrolar da vida, desde que não se afaste ou esgote a própria realidade e destino. Mesmo que no passado não tenha feito escolhas passíveis de um sentido, mas ainda assim o homem tem novas possibilidades de vir a ser.

Acredito que podemos sintetizar o pensamento de Frankl numa frase conhecida de Nietzsche que de maneira insistente aparece nos escritos franklianos: “quem tem um porquê para viver, suporta quase qualquer coisa” (FRANKL, 2008, p. 129). Isto foi comprovado por ele e pelos companheiros no campo de concentração. Os que tinham algo ou alguém a encontrar resistiam à dor.

Na concepção positiva da Logoterapia não há situação na vida que não tenha sentido. Nos estudos de Frankl sobre o otimismo trágico, que envolvem a morte, a culpa e o sofrimento, ele entende que não é preciso mascarar ou esquecer tudo o que é trágico, mas buscar todo o potencial do ser humano, de modo a enxergar os elementos positivos que existem na tragédia, utilizando-os para ser capaz de sofrer (FIZZOTTI, 1998).

Segundo Frankl, ou a vida tem sentido independente de sua duração ou não tem sentido mesmo que dure até o infinito. A duração da vida coloca o homem diante de critérios quantitativos, ao passo que a morte coloca-o diante de critérios qualitativos, de certo que o sentido da sua morte depende do sentido que ele soube dar a sua vida. (FRANKL apud FIZZOTTI, 1998).

Autotranscendência da existência humana

Em 1949, Frankl introduziu na Logoterapia o conceito de autotranscendência. Ele explica que a existência humana depende da capacidade de transcender o próprio eu, ou melhor, o sentido

está sempre a apontar para qualquer coisa que não seja o homem em si mesmo. Seja algo a realizar, outro ser humano a encontrar ou uma causa a qual se consagrar.

Na medida em que o homem consegue autotranscender, estabelece um distanciamento de si próprio, tornando-se autenticamente humano. Quando o homem não consegue por em prática a autotranscendência, sua existência termina esvaziada de sentido (TRUGILHO; PINEL, 2009).

Em decorrência da autotranscendência, encontramos a auto-realização. Só nos realizamos na medida em que buscamos o sentido fora de nós mesmos. Quanto mais buscamos a auto-realização como meio para encontrar a felicidade, menos a encontramos. Já dizia Frankl (2005) que a busca ansiosa da felicidade impede a própria felicidade.

Sem a autotranscendência a própria existência é desfigurada, materializada. O ser humano é coisificado, despersonalizado, quase equiparado aos animais. Quando a autotranscendência é negada, não temos acesso aos significados, aos valores, por conseguinte, a razão e as nossas escolhas serão sempre condicionadas e manipuladas (FRANKL, 2005). Entretanto, algumas posturas filosóficas negam esta capacidade humana resultando em visões de homem como se fosse uma máquina, ou seja, um ser fechado em si mesmo. Estas posturas são encontradas no ceticismo, no subjetivismo e no relativismo.

No ceticismo o sujeito nunca aprende o objeto, pois não é capaz de conhecê-lo efetivamente, pois considera isso impossível. Daí porque não se deve fazer nenhuma formulação de juízo. O dogmatismo, ao contrário, desconsidera o sujeito. O ceticismo, por sua vez, não vê o objeto, pois tem o olhar unilateral para o sujeito, para fatores subjetivos do conhecimento humano (HESSSEN, 2003).

No ceticismo o conhecimento é condicionado pelo sujeito, seus órgãos de conhecimento condicionados pelo ambiente, cultura, desprezando o objeto, imprescindível para que haja o

conhecimento. Para o cético não há nenhum valor ou sentido em aspirar ao conhecimento da verdade. A consciência ética dos valores, porém, não pode admitir essa posição, pois do ponto de vista da lógica não há como suspender todo juízo ou ato de pensamento (HESSEN, 2003).

Para existir o conhecimento é preciso a relação entre objeto e sujeito. Então, tudo o que parece certo e verdadeiro à consciência natural, o ceticismo põe em dúvida e, portanto, afirma não haver conhecimento da verdade, pois a aspiração à verdade é algo sem sentido ou valor, diferente do campo da ética que considera a busca da verdade como algo dotado de valor (HESSEN, 2003).

Para as duas teorias de conhecimento, subjetivismo e relativismo, a verdade existe, mas sua validade é limitada, portanto, não há verdade universalmente válida. No subjetivismo a validade da verdade se restringe ao conhecimento e julgamento do sujeito. O subjetivismo também está subdividido em subjetivismo individual e subjetivismo genérico. No individual, o julgamento de algo vale apenas para o sujeito que o formula, enquanto no segundo todo juízo tem validade apenas para o gênero humano. O subjetivismo genérico é igual ao psicologismo (HESSEN, 2003).

No relativismo a verdade é relativa, ou seja, tem validade reduzida. O conhecimento humano no relativismo depende de fatores externos, como do meio ambiente, do espírito da época e do círculo cultural de seu defensor com seus determinantes, bem como das verdades das ciências exatas, naturais e filosóficas da cultura a que pertencem. Para o relativismo isso significa que não existe uma matemática, uma física ou uma filosofia válida para todos, mas conforme a cultura predominante da época (HESSEN, 2003).

O Pequeno Príncipe à luz da logoterapia

«Não olhamos para as coisas visíveis, mas para as invisíveis, porque as visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas» (2 Cor 4, 18).

Neste tópico será analisado o encontro do pequeno príncipe com os diversos personagens do livro, como o piloto, a rosa, o rei, o homem vaidoso, o bêbado, o empresário, o acendedor de lampiões, o geógrafo, a raposa, a serpente, o manobreiro de trens e o vendedor de pilulas, à luz dos principais conceitos da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl.

O Piloto e o Pequeno Príncipe

O objetivo específico deste estudo é fazer uma análise dos valores, atitudes e postura dos personagens da fábula "O Pequeno Príncipe"; observar, à luz dos principais conceitos da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Emil Frankl, fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, como o piloto, a rosa, o rei, o homem vaidoso, o bêbado, o empresário, o geógrafo, o acendedor de lampiões, o vendedor de pilulas, o manobreiro de trens, a raposa e a serpente, que ao longo da história se encontram e convivem com o pequeno príncipe.

O autor inicia a história contando sobre dois desenhos que fez aos seis anos de idade. O desenho número 1 foi uma jibóia digerindo um elefante. Ao mostrar o desenho, ele perguntava se causava medo e as pessoas diziam: "Por que é que um chapéu daria medo?" (EXUPÉRY, 2008, p.08). Para que as pessoas grandes pudessem entender melhor, o piloto fez o desenho número 2: o interior da jibóia. Esperou em vão que elas entendessem. Diziam para ele esquecer essa história de jibóias abertas ou fechadas e estudar geografia, matemática. Assim deixou a carreira de pintor e foi ser piloto de avião.

Um dia, por conta de uma pane, fez um pouso forçado no deserto do Saara. Ao amanhecer, escudou alguém que lhe pedia para desenhar um carneiro. Era um menino loiro e extraordinário: o pequeno príncipe. Assustado, disse que não sabia desenhar um carneiro, mas o príncipezinho insistiu. Desenhou, então, uma jibóia fechada. Mas o príncipezinho riu dizendo: “Não! Não! Eu não quero um eléfante numa jibóia. A jibóia é perigosa e o eléfante toma muito espaço. Tudo é pequeno onde eu moro. Preciso é de um carneiro. Desenha-me um carneiro” (EXUPÉRY, 2008, p.12). Após três tentativas inúteis do piloto em desenhar um carneiro, ele resolve desenhar uma caixa e diz ao príncipezinho: “Esta é a caixa. O carneiro que queres está aí dentro”. O príncipezinho então se alegrou, porque era isso mesmo que ele queria.

O diálogo acima leva-nos a fazer uma relação entre a postura adotada no subjetivismo e na fenomenologia, que é a proposta de investigação adotada por Viktor Frankl. No subjetivismo a verdade é limitada ao julgamento do sujeito, ou seja, para cada pessoa pode haver mais de uma verdade para um mesmo objeto, levando-se a várias interpretações (HESSSEN, 2003).

Comparando a teoria do ceticismo com a interpretação das pessoas sobre um dos desenhos do piloto - a jibóia fechada - percebemos que a visão do pequeno príncipe foi diferente da visão cética das pessoas que já tinham visto o desenho e não conseguiram apreender o sentido que estava na figura, no entanto, foi igual a do piloto, pois ambos captaram o mesmo sentido do objeto. O príncipezinho conseguiu ver a essência contida no desenho do piloto, por isso, quando olhou o desenho, de forma inéscita, disse não ser aquele o que almejava.

Percebe-se, ainda, a divergência de visão de mundo do pequeno príncipe e a das pessoas quando se compara a interpretação delas sobre um dos desenhos do piloto com a teoria do ceticismo. O ceticismo entende ser o sujeito incapaz de

aprender o objeto, pois o conhecimento através da apreensão do objeto é impossível, já que o cético não enxerga o objeto e sim os fatores subjetivos do conhecimento do sujeito (Hessen, 2003), diferente da Logoterapia que reconhece que o sentido é encontrado no mundo.

A partir do encontro entre os dois, começa uma trajetória de conhecimento mútuo, chamada na Logoterapia de encontro existencial. O pequeno príncipe começa “a contar” sua estória. Mesmo sem responder ao que o piloto perguntava, o menino deixava-se conhecer nas entrelinhas. Contou que veio de um planeta muito pequeno, do tamanho de uma casa. Lá tinha apenas três vulcões, sendo dois ativos e um extinto. Cuidava apenas de si e do planeta. Dizia que gostava muito de olhar o pôr-do-sol quando estava triste (valor vivencial). Vivia sozinho, até que surge uma rosa que brotara de uma semente que não se sabia de onde vinha, mas que era diferente de todos os outros brotos do planeta. Ele “presente”, tem a intuição e visão interior (faz parte da dimensão noética) que dali sairia uma aparição miraculosa e assim o foi. Ao vê-la nascer, diz: “Como és bonita!”. E ela diz: “É verdade...”. Ele percebe logo que ela, além de vaidosa e bela, não era nem um pouco modesta, mas ao mesmo tempo era muito envolvente (valor vivencial). Ela então pergunta: “Tu poderias cuidar de mim...?”. A partir daí o menino cuida (autotranscendência) com amor da rosa, ao mesmo tempo em que ela passa a atormentá-lo com sua doentia vaidade e orgulho. Decepcionado e infeliz (frustração existencial), foge com uma migração de pássaros selvagens em direção a outros asteroídes e pensava em nunca mais voltar.

O príncipezinho confessou, ainda, ao piloto: “Não devia nunca tê-la escutado, não se deve nunca escutar as flores”. Mas ao mesmo tempo, demonstrou remorso por tê-la abandonado: “Não soube compreender coisa alguma! Deveria tê-la julgado por seus atos, não pelas palavras. Ela exalava um perfume e me alegrava. Não podia jamais tê-la abandonado. Deveria ter

percebido sua ternura por trás daquelas tolas mentiras...” (Exupéry, p.31, 2008).

No primeiro planeta conheceu um rei autoritário, fazia de conta que reinava e tinha súditos, tentava controlar a todos, quando na verdade era solitário e não governava ninguém. De acordo com os conceitos da Logoterapia a vontade de sentido do rei foi frustrada, pois ele não realizou algo com significado, tampouco foi útil a alguém. Compensava a vida sem sentido com a vontade de poder. O sentido dele era acreditar que reinava sobre seu planeta. Ele não estava voltado para o sentido, mas para si mesmo. O homem só encontra o sentido quando está no mundo, em ação. Por outro lado, ensinou de forma sábia ao príncipezinho: “[...] não podemos exigir de alguém o que ele não pode dar”. E ainda ressaltou: “É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar os outros” (EXUPÉRY, 2008, p. 39). O menino resolve ir embora, pois não encontrou aí o que buscava (o sentido).

No segundo planeta, encontrou um homem vaidoso que apenas queria ser aplaudido e admirado por todos. Sem ter um sentido, um “para quê” viver, buscava o aplauso das pessoas para se sentir importante. É a busca pelo poder, a apreciação de si mesmo. Quando o homem não encontra o sentido da vida em algo, em alguém ou numa causa a qual se dedicar, ele se volta para si mesmo e, assim, a vontade de sentido é frustrada dando lugar à vontade de prazer, que é hipertrofiada (FRANKL, 2005).

No planeta seguinte, deparou-se com um homem que bebia para esquecer a vergonha que sentia do vício. Neste caso, estabeleceu-se um círculo vicioso em que o vazio existencial reforçava a vontade de beber que, por sua vez, reforçava o vazio existencial. Quanto maior era o vazio, maior era a vontade de beber e quanto mais bebia maior era o vácuo existencial. Na verdade, o bêbado não havia encontrado um objetivo para o qual viver, nem tinha a consciência de seu caráter único e insubstituível, de sua missão, daí fugia e se conformava

(conformismo) com o vício do álcool como forma de compensar o vazio existencial. Sua liberdade e o senso de responsabilidade estavam comprometidos, pois não sabia como nem o que escolher, tampouco como sair dessa situação. Não entendia que havia outras possibilidades a serem encontradas a partir de suas escolhas e decisões.

No quarto planeta, o menino encontrou um empresário que vivia para os seus negócios, era ativista e acumulava dinheiro. Da mesma forma que o monarca, o empresário se dizia dono das estrelas do céu e por isso se achava rico e um homem sério. Não sabia para quê contava essas estrelas, apenas dizia que as possuía, mas não se sentia responsável por elas, enquanto o pequeno príncipe possuía uma flor, três vulcões e era útil e responsável por eles. O sentido da vida do empresário foi mitigado pela vontade de poder e a vontade de dinheiro (LUKAS, 1989); não era capaz nem de apreciar as estrelas as quais contava ou de cuidar de alguém; de conhecer e se interessar por algo e de aprender o sentido de um valor vivencial. A visão de mundo dele era distante dos valores. Não conseguia autotranscender, conceito da Logoterapia que quer dizer, sair de si e ir em busca de algo ou alguém a quem se dedicar. A autotranscendência nos faz ser mais humanos e nos depara com o significado da existência.

No quinto asteroide, o príncipezinho se deparou com um acendedor de lâmpões. Apreciou seu trabalho, pois se ocupava de algo que não era ele mesmo (autotranscendência). Nesse planeta captou algo de valioso no trabalho do acendedor. Percebeu que era um belo trabalho e, se era belo, tinha utilidade, pois quando o acendedor acendia o lampião, era como se nascesse uma estrela ou uma flor, quando apagava fazia adormecer a estrela ou flor (EXUPÉRY, 2008). O acendedor não se sentia feliz com o que fazia, talvez por não entender se estava sendo útil a alguém ou porque não tinha consciência do caráter de missão, ou ainda, não entendia que a profissão lhe dava a oportunidade de vir a ser melhor (FRANKL, 1989). No dizer de Frankl “a análise

da existência visa tomar o homem consciente do seu ser-responsável [...], sobretudo ao basear-se na consciência de uma tarefa concreta e pessoal, isto é, de uma missão" (FRANKL, 1989, p.159).

Em seguida, encontrou um geógrafo que não sabia aplicar os conhecimentos que tinha na prática. Era acomodado e não buscava explorar o seu campo profissional. É preciso empenho e luta para encontrar o sentido ou os valores, pois eles são encontrados por quem os procuram nas experiências da vida. Ele era racionalista e não sabia dizer se no planeta que vivia existiam oceanos, montanhas, rios, etc. Para ele, a rosa do pequeno príncipe era efêmera, ou seja, ele não conseguiu enxergar o sentido que existia nela. Tal comentário fez o menino lembrar-se da rosa e sentir remorso por tê-la deixado, ou seja, não ter decidido pelo que tinha mais sentido. O príncipzinho também sai desse planeta desapontado. Na tentativa de entender sua situação e por indicação do geógrafo, o pequeno príncipe chegou ao planeta Terra e encontrou uma serpente. Esta o fez entender que mesmo rodeado de pessoas, é possível se sentir sozinho. Foi o personagem mais franco e ao mesmo tempo o mais sedutor, pois logo insinua ter uma solução para o problema do menino, induzindo-o ao suicídio.

Sentindo-se só no deserto, o príncipzinho queria encontrar um amigo e começou a gritar: "Bom dia!" e o eco respondeu: "Bom dia!". "Quem és tu?" e o eco respondeu: "Quem és tu?". Quando o homem está voltado para si mesmo, não sabe muito bem quem é. Mas é no mundo que o sentido é encontrado e a própria identidade se completa no outro ou em algo a ser realizado (autotranscendência). O diálogo com o "eco" pode ser aqui interpretado simbolicamente como a vontade humana de romper com a solidão, na realização do valor vivencial de ser humano co-existe no mundo com um "tu" que transcenda o "eu".

Continuando sua trajetória, o príncipzinho encontrou um jardim cheio de rosas e percebeu que todas eram iguais a sua rosa. Ele pergunta: "Quem sois? Elas dizem: 'Somos as rosas'". Ele se sente infeliz, pois sua flor havia dito que ela era a única de sua espécie em todo o universo. Ele que se julgava rico por ter uma flor única, ficou decepcionado e frustrado. E detido na relva, chorou. Ao invés de olhar para o mundo ele olhava para si mesmo e por isso não enxergava o sentido. Ele buscava uma resposta para a tensão que estava vivendo. Diferente do que pensam alguns estudiosos, certo nível de tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde psíquica. O homem precisa confrontar-se com aquilo que já realizou e com aquilo que ainda deverá realizar ou vir a ser. Para isso é preciso buscar e lutar por um objetivo pelo qual realmente valha a pena viver, escolhido de forma livre e responsável. Isso corresponde ao que Frankl chamava de "noodinâmica", ou seja, "da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um pólo está representado por um sentido a ser realizado e o outro pólo, pela pessoa que deve realizá-lo" (FRANKL, 2008, p. 130).

O encontro mais importante que rompeu a solidão do Pequeno Príncipe foi com a raposa. Ela portou-se como uma exímia logoterapeuta. Ela conseguiu ampliar o campo de visão do menino, que estava preocupado consigo mesmo por conta da decepção com a rosa, mas depois percebe que só havia enxergado o superficial e não o essencial da rosa. O essencial só se enxerga quando se ama. A raposa o ensinou o valor da amizade e o que significa cativar e criar laços. "Que quer dizer cativar?" Pergunta o pequeno príncipe. "É algo quase sempre esquecido. Significa criar laços". Diz ainda a raposa para o príncipzinho: "Se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo (EXUPÉRY, 2008, p.66). "A gente só conhece bem as coisas que cativou. "Se tu queres um amigo, cativa-me" (EXUPÉRY, 2008, p.67). Nesse relacionamento, houve um encontro existencial, porque houve

interesse pela vida do outro, uma discussão sobre o sentido e o favorecimento não só da auto-expressão, mas da autotranscendência e da responsabilidade um pelo outro, fazendo o pequeno príncipe entender o sentido do amor. Neste diálogo rompeu-se a tensão que o menino sentia e ele compreendeu sua missão, o dever-ser. Como antes não enxergava o sentido por conta da frustração, experimentou o vazio ao se afastar da rosa, e apesar de ter outras rosas iguais a sua, ele reconheceu que a sua era única. E só quem ama pode perceber o valor em potencial que está no ser amado. Esse foi o segredo da raposa para o príncipezinho: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (EXUPÉRY, 2008, p. 74).

O príncipezinho encontrou, também, um manobreiro que despachava os passageiros em bloco nos trens. As pessoas iam e vinham. O príncipezinho pergunta ao manobreiro, referindo-se às pessoas: “Não estavam contentes onde estavam?” E o manobreiro adverte-o: “Nunca estamos contentes onde estamos” (EXUPÉRY, 2008, p. 72-73). Mais adiante o príncipe retoma esse assunto, dizendo: “Os homens embarcam nos trens, mas já não sabem mais o que procuram. Então eles se agitam, sem saber para onde ir” (EXUPÉRY, 2008, p. 78). Os personagens aí retratados não têm noção do que querem para suas vidas ou do que buscam e acabam caindo ou no conformismo - fazer o que os outros fazem - ou no totalitarismo - fazer o que as outras pessoas querem que ele faça - (FRANKL, 2008). Da insatisfação dos passageiros, porque só nos realizamos quando fazemos o que tem valor para nós e porque sabemos que por esse sentido ou ideal vale a pena investir e se dar.

Depois foi a vez do vendedor de pilulas que, para saciar a sede, dizia que bastava tomar uma por semana (imediatismo) e não era preciso beber mais água (ou buscar o sentido). Tudo para ganhar tempo. Mas o menino retrucou: “Eu se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, iria caminhando calmamente em direção a uma fonte...” (em busca do sentido) (EXUPÉRY, 2008, p. 74).

Os homens buscam “ganhar tempo”, mas não se preocupam com o que irão depositar no passado para possuírem uma existência rica de significados e valores, por conseguinte, tornam-se inautênticos e não satisfazem a vontade de sentido.

No oitavo dia, quando a água havia acabado, o piloto e o menino sentiram sede. Podemos dizer pelo diálogo dos dois que além da sede normal sentiam sede também de um *logos*. Enquanto o príncipezinho falava da raposa, o piloto impacientemente disse: “Meu caro, não se trata mais da raposa”. E ele disse: “Por quê?”. “Porque vamos morrer de sede...”. O menino sem compreender disse: “E bom ter tido um amigo, mesmo se agente vai morrer...”. “[...]. Tenho sede também... procuremos um poço...” (EXUPÉRY, 2008, p. 75). Ou seja, se ele morresse, morreria feliz, pois tinha tido um amigo (o piloto). Só por isso já valeu o seu viver. Adiante o príncipezinho fala: “O que toma belo o deserto é que ele esconde um poço em algum lugar” (EXUPÉRY, 2008, p. 76). Nas pessoas, também, sempre existe um tesouro escondido, basta que haja um encontro existencial para a descoberta da essência do outro, que geralmente é invisível. A dimensão espiritual é como o poço escondido no deserto, pois está latente no inconsciente.

Como o príncipezinho adormeceu, o piloto o pegou em seus braços e olhando-o emocionado, tinha a sensação de está levando um tesouro, e então pensou: “O que eu vejo não passa de uma casca. O mais importante é invisível... O que tanto me comove nesse príncipe adormecido é sua fidelidade a uma flor; é a imagem de uma rosa que brilha nele como uma chama de uma lamparina, mesmo quando ele dorme” (EXUPÉRY, 2008, p. 76). Continuaram a caminhada até encontrarem o poço ao nascer do dia. E isso os alegrou. O homem quando encontra o sentido se alegra. “-“Tu escutas?” - disse o príncipe. -“Estamos acordando o poço, ele canta...”. [...] “O canto da roldana ainda permanecia nos meus ouvidos e na água ainda trêmula eu podia ver o reflexo do sol”. Quando o piloto pensava assim, o menino disse: “-

Tenho sede dessa água. Dá-me de beber...” (EXUPÉRY, 2008, p. 78). O sentido é único para cada pessoa e situação em concreto. Por isso que ele disse: “Tenho sede dessa água”. Não era uma água qualquer, era aquela. Esta sede que ambos sentiam era a busca do sentido a ser alcançada, após muita luta e sacrifício. Hoje, muitas pessoas conseguem o que querem sem esforço, por isso, quando conseguem não se satisfazem, como bem disse o príncipezinho. “Os homens, do teu planeta, cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim e não encontram o que procuram...” (EXUPÉRY, 2008, p. 79). Não é a satisfação dos desejos que deixa o homem mais humano ou satisfeito, mas é a crença incondicional no sentido incondicional da vida (FRANKL, 2005).

O pequeno príncipe, já consciente da responsabilidade que tinha com a sua rosa, encontrou pela segunda vez a serpente, que maliciosamente incentivava-o à morte. Neste caso não houve um encontro existencial, mas um pseudo-encontro, um diálogo sem sentido algum, porque ela não tem nenhum interesse na vida do menino e, ainda o convence ao suicídio. Aqui surge um paradoxo, pois o sentido remete ao belo e ao bom. E o príncipezinho apesar de ter descoberto o sentido de sua vida, resolve atender à serpente. Pareceu estar pronto a sofrer e, no caso, dar a própria vida por amor ao sentido já encontrado (a rosa). Talvez ele quisesse morrer para voltar ao seu planeta e encontrar-se com a rosa. Diante dos valores ou de alguém que amamos ou por algo que tem significado para nós, podemos viver ou morrer (FRANKL, 2005).

O piloto, ao voltar do trabalho, vê o menino sentado no muro com as pernas balançando, dizendo: “- O teu veneno é do bom? Estas certa de que não vou sofrer por muito tempo?” (EXUPÉRY, 2008, p. 81). E o piloto atemorizado, sem nada entender, baixa os olhos para o pé do muro e vê uma serpente amarela, que logo desliza e foge. O piloto escuta o menino, pálido em seus braços, dizer: “Estou contente de teres consertado o defeito de tua máquina. Vais poder voltar para casa...”. E

acrescentou: “Eu também volto hoje para casa” (EXUPÉRY, 2008, p. 82). O piloto ao se despedir do pequeno príncipe percebeu que apesar do sofrimento da separação, foi melhor ter conhecido e usufruído da companhia do menino do que nunca tê-lo conhecido. Isso é sofrimento com sentido. O vazio foi preenchido com o sentido, mesmo que não tenha sido o esperado. O encontro existencial fica conservado no passado para sempre e ninguém poderá apagar, pois faz parte da eternidade. No passado eu não tenho mais possibilidades, no caso em concreto, eu tenho a realidade do amor amado, da dor sofrida com coragem. Para o piloto, este tesouro está preservado de uma vez para sempre, pois o valor vivenciado com o menino faz parte agora de seu destino.

Dessa forma, a partir da análise do livro, objeto deste estudo, percebe-se o efeito terapêutico da leitura pelo conteúdo que remete à dimensão mais humana da existência. Trata-se de um livro filosófico, destinado às crianças e, principalmente, aos adultos condicionados apenas pelo psicofísico, que em alguns casos não conseguem apreender que, às vezes, os valores são invisíveis aos olhos. A frustração com a rosa levou o príncipezinho ao vazio existencial e a insatisfação com o planeta em que vivia, por sua vez, o encontro com a raposa abriu-lhe os olhos para o mundo dos valores, pois, a existência partilhada e vivida entre ambos levou-o ao autodistanciamento de si mesmo, a ponto de fazê-lo descobrir o que realmente era essencial na vida. Por conseguinte, o efeito terapêutico da obra de Exupéry é inestimável, mas só é captado por quem quer encontrar o sentido e os valores humanos. Os conceitos da Logoterapia se amoldam ao conteúdo desta fábula, principalmente, nos questionamentos que o homem faz quanto à própria existência e missão. Além disso, os valores são tratados de forma simples, criativa e dinâmica.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COTRIM, G. **Fundamentos da Filosofia**. Ser, Saber e Fazer. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- CÂNDIDO, E.F. **Linguagem e culturas**: múltiplos olhares. [2007 ou 2008]. p. 533-543. Disponível em: <http://bibliotecadigital.umec.edu.br/ojs/index.php/umec03/article/view/323/398>. Acesso em: 12 set. 2008.
- EXUPÉRY, A.S. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro. Pocket ouo. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 2008.
- Para ler e pensar**. Disponível em: <http://www.paralerepensar.com.br/exupery.htm>. Acesso em: 18 mar. 2009.
- O pequeno príncipe**. Disponível em: <http://megalalexandria.blogspot.com/2008/08/o-pequeno-prncipe-antoine-de-sant.html>. 2008. Acesso em: 16 mar. 2009.
- O piloto e o pequeno príncipe**: obra que contém todo o pensamento e a "filosofia" de Saint-Exupéry (reprodução). Editorial Barça. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/Literatura/Artigos/exupery.html>. Acesso em: 16 mar. 2009.
- FIZZOTTI, E. **Liturgia e terapia**: a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade. São Paulo: Paulinas, 1998.
- FRANKL, V.E. **Em busca de sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.
- FRANKL, V.E. **Jornal Mineiro de Psiquiatria**. Belo Horizonte, ano 6, edição 15. Disponível em: <http://www.jmpsiquiatria.com.br/edicao_15/entrevista_15.htm>. Acesso em: 16 mar. 2009.
- FRANKL, V.E. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. 13. ed. São Paulo: Idéias e letras, 2005.

- FRANKL, V.E. **Psicoterapia para todos** – Coleção logoterapia. 2. ed. Vol.1. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991.
- FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro. Zahar editores, 1978.
- FRANKL, V.E. **Psicoterapia e sentido da vida. Fundamentos da logoterapia e análise existencial**. São Paulo: Quadrante, 1989.
- FRANKL, V.E. **A logoterapia e o existencialismo**. Disponível em: <http://www.angelife.com/nf/fenomenologia/textos/franklex14.html>. Acesso em: 13 mar. 2009.
- FRANKL, V.E. **A logoterapia e a fenomenologia**. Disponível em: <http://www.angelife.com/nf/fenomenologia/textos/franklex13.html>. Acesso em: 13 mai. 2009.
- GALLEGO, J. **Viktor Frankl – Reflexões sobre um grande psiquiatra**. 1997. Disponível em: <http://www.quadrante.com.br/pages/servicos02.asp?id=27&categoria=Cultura>. Acesso em: 24 fev. 2009.
- GOMES, J.C.V. **Logoterapia a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl**. São Paulo: Loyola, 1987.
- HESSSEN, J. **Teoria de conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO. Mistério do desaparecimento de Saint-Exupéry está perto do fim**. São Paulo, 11 abr. 2008. Disponível em: <http://www.estado.com.br/artelazer/not_art15260,0.htm>. Acesso em: 13 mar. 2009.
- LUKAS, E. **Assistência logoterapêutica**. Coleção logoterapia. Vol. 6. Em co-edição com São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.
- LUKAS, E. **Histórias que curam**: porque dão sentido à vida. Campinas: Verna, 2005.
- LUKAS, E. **Logoterapia**: "A força desafiadora do espírito". Co-edição. Edições Loyola e Leopoldianum Editora. Tradução José de Sá Porto, 1989.

- LUKAS, E. **Psicologia espiritual: Fontes de uma vida plena de sentido**. São Paulo: Paulus, 2002.
- MAY, R. **O homem à procura de si mesmo**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MORENTE, M. **Ontologia dos valores – Fundamentos de filosofia de Manuel Garcia Morente**. [S.L.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/fundamentostilosofiamorente22.shtml>>. Acesso em: 12 set. 2008.
- OUAKININ, M.A. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.
- PAIVA, L.E. **Biblioterapia**. [S.L.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.lucelipaiva.psc.br/BIBLIOTERAPIA.html>>. Acesso em: 16 mar. 2009.
- PEREIRA, I.S. **Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl**. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 2, p. 159-165, abr./jun. 2008.
- PEREIRA, M. M. G. **Biblioterapia: uma proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas Públicas**. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.
- PINTOS, C.G. **A logoterapia em contos - O livro como recurso terapêutico**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- SILVA, M.M. **A idéia de valor como fundamento do direito e da justiça**. [S.L.: s.n.]. p.01-34. Disponível em: <<http://compedi.org/manaus/arquivos/anais/mocacyr%20nota%20da%20silva.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2008.
- SOUSA, J.F.S. **Um novo campo de investigação filosófica: Antropologia de Max Scheler**. [S.L.: s.n.]. 2008. Disponível em: <<http://cyberself-cyberphilosophy.blogspot.com/2008/01/antropologia-de-max-scheler.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.
- TEIXEIRA, J.A.C. **Introdução à Psicologia Existencial**. 2006. p. 11. Disponível em: <<http://74.125.45.132/search?q=cache:BuR0dBKd4qj:www.sejelo.oces.mec.es/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf+intent%C3%A7%C3%A3o+paradoxal+e+logoterapia&hl=pt&ct=clnk&cd=30&gl=br>>. Acesso em: 03 dez. 2008.
- TRUGILHO, S. M. e PINEL, H. **O existencialismo do ser (sendo) no mundo de Viktor Frankl: Uma introdução para iniciantes**. 2009. Disponível em: <http://htrampinel.blogspot.com/2009/01/o-existencialismo-de-viktor-rankl_3132.html>. Acesso em: 20 fev. 2009.

- VOLKMER, S.A.J. **O perceber do valor da ética material de Max Scheler**. 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <<http://64.233.169.104/search?q=cache:O8vr8nutFOR0J:www.pucrs.br/pgfilosofia/2006SergioVolk-ME>>. Acesso em: 20 out. 2008.